

## Entre o adolescente e a droga, o pai

tanto nos amores como nos chinelos

Caio Rodrigues de Mattos Filho

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

MATTOS FILHO, CR. Entre o adolescente e a droga, o pai: tanto nos amores como nos chinelos. In: NERY FILHO, A., *et al.* orgs. *Toxicomanias: incidências clínicas e socioantropológicas*. Salvador: EDUFBA; Salvador: CETAD, 2009, pp. 161-187. Drogas: clínica e cultura collection. ISBN 978-85-232-0882-0. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

## **Entre o adolescente e a droga, o pai: tanto nos amores como nos chinelos**

*Caio Rodrigues de Mattos Filho*<sup>1</sup>

Na companhia paterna ia-me eu embecendo dessa idéia que a poesia está em tudo - tanto nos amores como nos chinelos, tanto nas coisas lógicas como nas disparatadas. O próprio meu pai era um grande improvisador de *nonsense* líricos.

(Manuel Bandeira, in *Itinerário de Pasárgada*)

A partir da psicanálise, pretendemos abordar, neste breve artigo, o que está em jogo, essencialmente, naquilo que se convencionou chamar de adolescência, ou seja, a questão dupla da genitalização pubertária. Neste sentido, destacamos a relação existente entre o (ab)uso de drogas pelos adolescentes, a posição do sujeito diante do pai, enquanto uma metáfora situada no inconsciente, e a castração, como operação-pivô do complexo de Édipo, na normatização de um lugar sexual para homens e mulheres. Foi um caso clínico desenvolvido no Centro de Estudos e Terapias do Abuso de Drogas (CETAD) que motivou este escrito.

### **A adolescência e a questão dupla da genitalização pubertária**

O que é a adolescência? Historiadores, dentre os quais se destaca Philippe Ariès, assinalaram que se trata de um conceito moderno, consolidado no século XX. Em sua origem latina,

*adolescencia* tem dois significados principais: primeiro, crescer, desenvolver-se, tornar-se adulto; mas, também, comporta o sentido de arder, queimar (FARIA, 1956). Podemos dizer que a adolescência é filha da razão iluminista, que consagrou, no século XVIII, a idéia do progresso humano a partir do esclarecimento. Na França, Napoleão Bonaparte conduziu a universalização do ensino nas escolas normais, em torno dos ideais de racionalizar e disciplinar. Tratava-se do advento moderno da docilização e distribuição no espaço dos corpos, sob a égide das técnicas de poder capitalistas emergentes (FOUCAULT, 1979). Houve, pois, o fortalecimento da concepção de uma razão que se desenvolve com a experiência, ao invés daquela inata, muito defendida no século XVII, o que franqueou, por exemplo, o incremento de políticas pedagógicas. Certamente, a discriminação da adolescência é um dos resultados deste esforço continuado de esquadriñar, analisar, prever e controlar o curso do desenvolvimento humano.

Na psicanálise, Freud nunca se interessou pelo conceito de adolescência, preferindo se referir à puberdade. Somente a partir dos pós-freudianos, especialmente Ernest Jones, o termo adolescente entrou para o uso comum na psicanálise. E, na contemporaneidade, o que foi um conceito proposto artificialmente adquiriu ares de fase natural da vida, já tendo produzido derivados, como a pré-adolescência.

A adolescência tornou-se um significante privilegiado que representa um grupo de uma faixa etária específica. Quando algum jovem se declara adolescente, ele se identifica, ainda que parcialmente, com o estabelecido pelos discursos social e científico, alienando-se em uma significação do campo do Outro. A psicanálise mostra, contudo, que não se trata apenas de uma acomodação a significados compartilhados, nem da passagem de um tempo cronológico que culmina com a vida adulta. Quan-

do um jovem diz *sou adolescente*, é preciso atentar-se, no caso a caso, para a tessitura de uma cadeia significativa particular, de que resulta um sujeito como significação. Por isso,

“devemos visar a uma desmontagem desse constructo que caracteriza a adolescência sem deixar de levar em conta o que é característico desse momento da trajetória de cada sujeito singular” (TAVARES, 2004, p. 139).

Acontece que, a despeito das vicissitudes próprias do percurso de cada um, é possível considerar a adolescência como a questão dupla da genitalização pubertária, para a qual Freud evoca a metáfora do túnel perfurado, ao mesmo tempo, pelos dois lados. De uma parte, os abalos do real das transformações corporais, ou seja, a função genital sofrendo maturação orgânica, apoiada na anatomia, com a emergência da atividade dos testículos e a formação dos espermatozóides, nos rapazes, por exemplo. De outro lado, a reedição inconsciente do Édipo, que tem função normativa no sentido de possibilitar ao sujeito a assunção do próprio sexo.

Se a adolescência comporta uma crise, como se costuma dizer, ela se refere ao trabalho a que são convocados os adolescentes de enfrentar a questão dupla da genitalização. Mudanças corporais e o encontro com o outro sexo implicam em perdas dentre as quais se destacam a do corpo infantil e a dos pais imaginários da infância.

Sabe-se que somente com a puberdade se estabelece a separação nítida entre os caracteres masculinos e femininos, num contraste que tem, a partir daí, uma influência mais decisiva do que qualquer outro sobre a configuração da vida humana. É certo que já na infância se reconhecem bem as disposições masculinas e femininas; [...] A atividade autoerótica das zonas erógenas é idêntica em ambos os sexos, e essa conformidade suprime na infância a possibilidade de uma diferenciação sexual como a que se estabelece depois da puberdade. (FREUD, 1905/1996, p. 207).

E considerando a adolescência como o desligamento da autoridade de pai e mãe, ela pressupõe a assunção de que o Outro é barrado, castrado. Por isso, a adolescência não pode ser pensada sem a referência ao problema da castração. (CURI, 1999).

A reedição do Édipo na adolescência é correlata da bitemporalidade sexual postulada por Freud em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905). O pubertário, no adolescente, consiste no retorno da pulsão sexual ao lado das mudanças corporais. E, para contornar este real angustiante da pulsão, o sujeito precisa recorrer ao pai, ou melhor, ao significante Nome-do-Pai, que lhe normatizara, na infância, uma posição sexuada, conferindo-lhe um título.

Quando chegar o momento, se tudo correr bem, se o gato não comê-lo, no momento da puberdade, ele terá seu pênis prontinho, junto com seu certificado - Aí está papai que no momento certo o conferiu a mim. (LACAN, 1957-58/1999, p. 176).

É mister destacar que o pai a que nos referimos ultrapassa a correspondência com o agente da paternidade comum. Em psicanálise, a noção de pai subsiste, sobretudo, como um operador simbólico. O pai encarnado da realidade pode, apenas, como um embaixador, “representar o governo do pai simbólico, encarregado por ele de assumir a delegação desta autoridade junto à comunidade estrangeira mãe-filho” (DOR, 1991, p. 14).

No esteio das formulações de Saussure e Jakobson, a metáfora e a metonímia apareceram no pensamento de Lacan como leis fundamentais da linguagem, que regem o inconsciente. E as questões do pai, do Édipo e da castração foram apreciadas a partir dessas leis. A visada estruturalista de Lacan declinou o Édipo através daquilo que ele denominou de estrutura significante da metáfora paterna, destacando, sempre, a primazia da castração com função normativa. Ele propôs a concepção de um Édipo estrutural em três tempos, em que pai e mãe apa-

recem relacionados, respectivamente, à função paterna e ao desejo do Outro, funções fixas que se articulam entre si sob a égide das leis do parentesco.

Na trilha freudiana que, através dos mitos de *Totem e tabu* e do *Édipo Rei*, conferiu ao pai morto e simbólico o prestígio de fundador da cultura e de instância ideal detentora do falo - cetro de poder e gozo -, Lacan (1957-58) destacou, ao resumir a travessia do Édipo na fórmula da metáfora paterna, que esse pai simbólico opera sob a forma de uma metáfora situada no inconsciente, ou seja, através de uma operação simbólica com incidência de recalque, em que um significante vem em lugar de outro. Nesse caso, conforme veremos mais adiante, acontece de o significante materno, introduzido na simbolização primordial da entrada do sujeito na linguagem, ser substituído pelo significante do Nome-do-Pai, ligado à proibição do incesto e, por isso, à castração. (LACAN, 1999).

Inequivocamente, a questão do pai está colocada no centro da experiência analítica. Não foi à toa que Freud e Lacan retomaram sempre esse assunto, em suas formulações. Lacan (1956-57) chegou, mesmo, a asseverar que a grande interrogação freudiana era *o que é um pai?*. Neste breve artigo, entretanto, pretendemos, apenas, situar proposições iniciais de Lacan (1999) a respeito do lugar do pai como metáfora paterna - a sua versão significante do Édipo freudiano, no seio da lógica fálica da castração -, para poder apreciar um caso clínico em que um jovem rapaz faz uma escolha temporária pelas drogas, diante de seu embaraço com a castração e o dom paternos.

No ensino de Lacan, o recurso ao Estruturalismo lhe permitiu articular a castração em uma dimensão eminentemente simbólica. Com isso, provocou um debate a respeito do lugar da castração em psicanálise e acerca de suas relações com outros conceitos a ela associados, como a frustração, a privação, o Édipo,

o falo e o pai. Ampliando o alcance da proposta freudiana - que parecia se limitar, por exemplo, a nomear de Édipo um complexo ideativo inconsciente que representa os laços de amor e ódio da criança com seus pais, tendo o mito grego de Sófocles como paradigma do que se passa, imaginariamente, dentro do núcleo familiar -, Lacan (1957-58/1999) descreveu o Édipo, na psicanálise, não como uma assimilação do mito, mas definindo uma estrutura. Dessa forma, não devemos nos restringir a entender o Édipo como a repetição subjetiva do destino amaldiçoado do herói grego. Reduzir a significação do Édipo ao conflito imaginário seria resumi-lo à farsa da rivalidade sexual.

Neste contexto, Lacan nos legou uma renovada apreciação do lugar da castração na estrutura subjetiva, mostrando-nos que há um jogo simbólico para-além dos imaginários, temor e inveja do pênis, que abrangem a ordem do que é experimentado e vivido, psicologicamente, pelo sujeito. A preocupação dele era a de se desprender da busca de uma motivação psicologizante, que localiza a origem e o sentido do medo da castração na pessoa, relacionando-a com o medo do pai. Por isso, observamos que Lacan (1957-58) definiu a castração como “algo que tem uma certa relação com os órgãos, mas uma certa relação cujo caráter significante, desde a origem, não deixa dúvidas. É o caráter significante que predomina.” (1999, p. 319)

### **Os níveis de intervenção do pai e os três tempos do Édipo**

Não existe a questão do Édipo quando não existe o pai, e, inversamente, falar do Édipo é introduzir como essencial a função do pai. (LACAN, 1957-58/1999, p. 185).

O lugar do pai é complexo, pois ele intervém em vários níveis. Para apreendê-lo, Lacan se referiu à sincronia da metáfora paterna decomposta em três tempos. É importante destacar que a idéia de tempos desta sincronia comporta a peculiaridade da

“ação *nachträglich* do significante”, pela qual não nos atemos a uma linearidade cronológica de significados sucessivos. Ao contrário, a estrutura lacaniana da cadeia significante precipita a diferença dos tempos edípianos no *só-depois* da substituição metafórica concernente ao pai, ou seja, o modo como se realiza a castração para a criança - a constatação de não ter o falo, podendo recebê-lo do pai -, na saída normatizadora do Édipo, ao mesmo tempo em que decorre do acontecido, anteriormente, na dialética edípica, também o modifica, retroativamente, sob a forma do que teria acontecido depois do que superveio como efeito de significação.

Não se pode perder de vista, entretanto, que a valorização lacaniana do plano da sincronia também só adquire sentido se conjugada com a diacronia do Édipo, notadamente, nos seus três tempos. Em um primeiro momento de sua vida, a criança vivencia, pura e simplesmente, a dependência do Outro. Em pouco tempo, ela separa sua dependência *per si* daquilo que é o desejo materno, a partir de uma simbolização primária. Esta separação é possível através do circuito de presença-ausência do Outro materno junto ao bebê.

Dessa forma, tem lugar a dialética fálica, mas em um triângulo imaginário, pois o outro objeto que o infante compreende que a mãe deseja é o falo, ao qual, doravante, a criança intenta se identificar, especularmente. É o *to be or not to be*, o objeto de desejo da mãe - como Lacan, em 1957-58, (1999) o concebeu referindo-se ao Hamlet - que caracteriza o primeiro tempo do Édipo na metáfora. Trata-se, pois, sobretudo, da interposição da dialética da frustração do objeto de satisfação que introduz, de maneira capital, a ordem simbólica. O Outro materno agencia uma perda imaginária de um objeto real de satisfação. Ou seja, ali onde o objeto real é esperado, a mãe simbólica faz incidir uma ausência que a criança experimenta como frustração - falta imaginária.



Freud (1996), em 1920, forneceu as bases desse circuito de presença-ausência do Outro materno com a observação do jogo do carretel (o *fort-da* de seu neto demarcando as idas e vindas do objeto), que foi considerado por Lacan como modelo da fundação do laço da criança com a alteridade. Assim, a emergência do sujeito dependeria do primário (des)aparecimento do objeto faltante da satisfação, sendo as condições elementares da existência subjetiva fornecidas pela simbolização primordial.

Entretanto, Lacan (1956-57) não reservou à mãe apenas esse lugar de agente primeiro da simbolização. Posto em jogo o símbolo, em que a demanda e o desejo se articulam, a mãe se tornaria uma potência real, pois ela, segundo seu capricho, poderia recusar ou dar à criança o acesso ao objeto da satisfação, que adquire, por isso, o status de objeto do dom de amor. Se, no primeiro momento, a mãe é simbólica e o objeto é real, essa posição se inverte. (LACAN, 1995, p. 69).

Quanto ao pai, no nível simbólico, ele é estruturante, mas não é acessível na realidade concreta. Veremos ainda que, pela via do significante, o pai é uma metáfora. Em contrapartida, Lacan também considerou a incidência de um pai imaginário e do pai real em outros níveis operativos. O pai imaginário é esse com o qual se lida o tempo todo nas dialéticas da agressividade e da identificação. Chama-se imaginário porque integra a consistência da base especular da relação com o semelhante. Trata-se do pai assustador, presente em tantas fantasias dos neuróticos e das crianças.

Ele adquire importância crucial, no segundo tempo do Édipo, pois aparece como o onipotente privador da mãe, intervindo junto a esta como uma mensagem - *Não reintegrarás teu produto*. Essa segunda etapa é um momento de negatividade decisivo para o desenrolar do Édipo, sobretudo pelo fato de o pai - que se apresenta, especialmente, através da palavra da mãe - aparecer

semivelado como aquele que a priva do falo, que ele pode ter ou não, pois este objeto é franqueado como um símbolo.

É na medida em que o objeto do desejo da mãe é tocado pela proibição paterna que o círculo não se fecha, completamente, em torno da criança e ela não se torna, pura e simplesmente, objeto do desejo da mãe... Essa segunda etapa é um pouco menos feita de potencialidades que a primeira. É sensível, perceptível, mas, essencialmente instantânea, por assim dizer, ou, pelo menos, transitória. Nem por isso é menos capital, pois é ela, afinal de contas, que constitui o âmago do que podemos chamar de momento privativo do complexo de Édipo. (LACAN, 1957-58/1999, p. 210).

É importante ter em conta as razões porque Lacan assevera que o segundo tempo tem o caráter de um instante negativo, menos rico de potencialidades do que o primeiro, mas não menos decisivo.

No primeiro tempo, consoma-se todo um circuito simbólico de desejo de desejo do Outro, em que a criança se *assujeita*, em relação ao capricho da mãe, posicionando-se, imaginariamente, em uma escala de maior ou menor identificação com o falo, o objeto de desejo da mãe. Neste contexto, o estádio do espelho definido por Lacan, em 1949, (1998) é uma travessia fundamental, pois participa, simultaneamente, da constituição de uma realidade e de uma imagem virtual do corpo próprio do infante. A imagem isolada, cativante permite a órbita de um mundo em sua volta e, por conseqüência, a organização das condutas do vivente. E o falo, objeto imaginário com o qual a criança busca se identificar, só pode ser situado depois que o estádio do espelho - abrindo, simbolicamente, as possibilidades do imaginário - viabiliza certa cristalização egóica fundamental, sobretudo aquela que Lacan denominou *Urbild* - imagem primitiva.

Já a privação do segundo tempo comporta, essencialmente, um *não*, como mensagem, cuja incidência diverge de perspecti-

va, no que toca à mãe e no que se refere à criança, mas que coincide, para ambos, no sentido de um desalojamento contudente da posição ideal de satisfação mútua. Sobre a vacilação do *to be or not be*, que caracteriza a primeira etapa do Édipo, recai um não: *Não, não és o falo. Porque ela não o tem* é o contraponto da incidência paterna sobre a mãe. Quer dizer, a mãe é privada de seu filho na medida em que, sob a máxima *Não reintegrarás teu produto*, é-lhe barrada a conjunção incestuosa - a conservação da criança no lugar do falo que lhe falta.

Assim, a privação da mãe significa remetê-la a uma lei à qual ela se submete. Dessa maneira, o pai aparece como uma espécie de Outro do Outro materno, uma instância terceira, que baliza a posição da mãe a partir de uma lei que ultrapassa o capricho dela. Ou seja, a lei que regula o poder do dom de amor é remetida a um tribunal superior. Nessa medida, semidesvela-se a presença do pai e do significante do Nome-do-Pai que permanece inteiramente tácita, no primeiro tempo do Édipo.

Quanto ao pai real, ele é o responsável pela incidência do pai simbólico na realidade efetiva (*Wirklichkeit*), no terceiro tempo do Édipo. Lacan (1995), em texto de 1956-57, asseverou que é difícil apreendê-lo devido à interposição das fantasias dos sujeitos. Ele não é o pai da realidade, mas, estruturalmente, ele é o efeito da prerrogativa do pai de gozar de sua mulher, o objeto impossível do incesto. Por isso, o pai real é a presença, para a criança, do agente da castração.

Com acuidade, Lacan (1992), em 1969-70, soube localizar o pai real em interface com o pai simbólico, no mito do parricídio de *Totem e tabu* (FREUD, 1913/1996). Enquanto o pai simbólico aparece como o pai morto, nome e símbolo da lei do Édipo, possuidor legítimo e ideal do falo, o pai real é o impossível gozador de todas as mulheres, o “Grande Fodedor” (LACAN, 1959-60/1997). No limite, uma dimensão do pai não

é sem a outra, na medida em que produzem os efeitos de limite castrador do gozo, de que, psicologicamente, temos notícia, pela ameaça de perda e inveja do pênis.

Não se pode negligenciar a ênfase de Lacan em reconhecer o complexo de castração como o verdadeiro móbil do Édipo. Se o pai surge, no horizonte da privação, como preferível, em relação à mãe - já que ele lhe dita a lei e lhe destitui da potência fálica -, no âmbito da castração, o pai real e potente se revela como aquele que tem o falo e dá provas disso. Dessa forma, em um terceiro tempo edípico, o pai é internalizado como ideal do eu, pela criança, já que o falo, como objeto imaginário ao qual a criança se identifica, inicialmente, e do qual a mãe é, simbolicamente, privada, em um segundo momento, ao final, a partir da lei de interdição do incesto em que se assenta a castração, emerge como atributo do pai, que pode dá-lo ou recusá-lo.

A castração se introduz como a operação que faz fenda na balança de ter ou não ter o falo. Trata-se da fecunda incidência em que, se o pai é quem tem o falo, a criança carece dele, ou seja, não o tem. Paradoxalmente, a criança precisa renunciar ao que não tem para adquiri-lo por intermédio do pai. Essa renúncia faz silenciar, pela via do recalque da fase de latência infantil, a exigência de satisfação da genitália a que está submetida a criança e, também, faz estancar a orgia imaginária com a mãe - um laço amoroso de ameaçadora devoração.

No intercurso dos registros do simbólico com o imaginário, Lacan (1957-58) sublinhou que a castração é o reconhecimento do menino de que ele não tem aquilo que tem, e o da menina de que não tem aquilo que não tem. Em aparente contradição, observamos a articulação do invariante *não ter* simbólico com a posse imaginária do pênis. Com isso, o menino pode adquirir a prerrogativa de ter o falo por identificação viril com o pai; e a

menina encontra o falo como um significante marcado no corpo de um homem desejado.

Não chamaria o que está em jogo de complexo de castração se, de certa maneira, isso não pusesse em primeiro plano que, para tê-lo, primeiro é preciso que tenha sido instaurado que não se pode tê-lo, de modo que a possibilidade de ser castrado é essencial na assunção do fato de ter o falo [para o menino]. (LACAN, 1999, p. 193).

Ao contrário da deficiência que o termo pode sugerir aos leigos, em psicanálise, a castração é, também, condição para a potência desejante. A vida humana se estabelece a partir da definição de um interdito. A instauração da falta de um objeto por intermédio da interdição é a via significante de organização da sexualidade. E o sujeito do inconsciente é determinado por essa perda de um objeto essencial e proibido.

### **O pai é uma metáfora**

Na formulação do Édipo através da metáfora paterna, a psicanálise não é possível sem que se saiba contar até três, se não, até quatro. O três e o quatro apontam para a mediação do pai e para o símbolo da discursividade: o falo. Como já ressaltamos, o pai não é, aqui, apenas o personagem de uma família. Ele é, sobretudo, o pai simbólico, cuja referência legítima é encontrada no Deus do monoteísmo, que diz *Eu sou aquele que sou* e pode responder pela posição de pai não estando em parte alguma, no limite do impensável.

Entretanto, apenas afirmar que o pai é simbólico não é suficiente. O que Lacan –1957-58 – enfatizou com a formulação da metáfora paterna foi o fato de o pai ser uma metáfora situada no inconsciente, ou seja, uma operação simbólica com incidência de recalque, em que um significante vem em lugar de outro. Nesse caso, acontece de o significante materno, introduzido na simbo-lização primordial, ser substituído pelo significante do

Nome-do-Pai -, ligado à proibição do incesto, e, por isso, ao complexo de castração (LACAN, 1999).

O que se evidencia é a conjunção dos eixos temporais da sincronia e da diacronia na metáfora paterna. Apesar de esta se consumir com a efetividade da castração na dissolução do Édipo, os seus termos já se articulam desde a simbolização primordial, quando o bebê entra na ordem simbólica, no primeiro tempo do Édipo. Para Lacan - 1957-58 -, a posição simétrica entre o falo, no triângulo imaginário (mãe-criança-falo), e o pai, no triângulo simbólico (mãe-criança-pai), não é gratuita. Ela encerra uma ligação de caráter metafórico e isso corresponde a que “a posição do significante paterno no símbolo seja fundadora da posição do falo no plano imaginário” (LACAN, 1999, p. 189). Se o desejo da mãe comporta um para-além, essa mediação é dada, desde sempre, pelo pai, que está presentificado pelo falo como símbolo da lei e da discursividade.

Se, em um primeiro tempo, a função paterna aparece velada na dimensão imaginária do falo, na segunda e, de forma deflagrada, na terceira etapa, o significante paterno advém como a própria representação do lugar da cadeia como lei. Sua condição metafórica reside, exatamente, em que a mãe lhe atribui a sanção do lugar da lei. “Uma imensa amplitude, portanto, é deixada aos meios e modos como isso pode se realizar, razão porque é compatível com diversas configurações concretas” (LACAN, 1957-58/1999, p. 202).

Por isso, Lacan deslocou a atenção das situações cotidianas das famílias e de sua caracterologia. Não que isso seja sem importância, pois, ao contrário, denuncia, em sua consistência histo-riográfica, os pontos sensíveis da estrutura. Impôs-se a Lacan, todavia, a tarefa de esquadriñar a estrutura da metáfora paterna, em que os elementos significantes se interligam com valor, na dependência da posição que assumem entre si.

Por definir um mecanismo de substituição metafórica, Lacan esteve atento para não dizer, simplesmente, que o Nome-do-Pai substitui o desejo da mãe. Trata-se, mais rigorosamente, de um significante tomar o lugar do outro. E o lugar só foi possível porque a dimensão de *Fort-da* da simbolização primordial fundou uma ausência como álibi do deslizamento/substituição significante.

A fórmula da metáfora paterna surgiu, pela primeira vez, no texto de Lacan, de 1955-56, “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose”. Nos idos dos anos 1950-60, especialmente, a metáfora paterna foi dedicada à escrita lacaniana do complexo de Édipo e da castração. Ela formaliza uma estrutura, através da introdução do elemento de falta em sua base, cujo efeito é inscrever o sujeito na lei do desejo e na transmissão da dívida simbólica. O sujeito, dividido nessa estrutura, é, portanto, efeito de uma conjunção significante somente possível como resultado de uma perda.

A formalização lacaniana da metáfora, como apresentada abaixo - de duas maneiras: com a nomeação dos termos e com as puras letras a designá-los -, mostra o que se opera com a castração simbólica perpetrada pelo pai real, embaixador do pai simbólico. O elemento intermediário (o desejo da mãe ou o S') sucumbe e o S (o Nome-do-Pai) toma pra si o objeto do desejo materno (X). Este é, de partida, um significado desconhecido, uma incógnita, em cujo lugar a metáfora produz o falo, articulando, sob a égide da lei paterna, a significação fálica.

Nome-do-Pai . ~~Desejo da Mãe~~ → Nome-do-Pai (A/Falo)

~~Desejo da Mãe~~ X

S . S' → S (1/s')

S' x

Assim, o que resulta da metáfora paterna, indicada depois da seta, na fórmula, é que

[...] o S (1/s') significa que o significante não está fixado a um significado (como no signo), mas que ele se liga a um outro significante na determinação do significado, e que o significado chega como mensagem ao sujeito do lugar do Outro (Um) sob uma forma invertida. (PORGE, 1998, p. 40).

Neste sentido, o *A/Falo* escreve a realidade da falta do significante do desejo no Outro.

Não é à toa que Lacan (1999) enfatizou, no *Seminário 5: As Formações do Inconsciente*, de 1957-58, que é preciso se dar conta de que ele estava falando da castração quando propôs a metáfora paterna. A castração é destacada como momento culminante da identificação metafórica com a imagem do pai que resulta dos três tempos do Édipo. E a metáfora paterna cumpre seu papel de metáfora, quando introduz a dimensão simbólica da substituição significante.

Assim, pode-se dizer que, no destino da função paterna, para o sujeito, coloca-se a questão do significante da falta - o falo - e do desejo. E a castração se caracteriza por ser a operação que, ao mesmo tempo, separa o falo do corpo e o transforma em objeto/significante do desejo. Isso porque, na relação edípica da criança com o Outro materno, a castração se tornou a separação do vínculo imaginário, implicando, em diferentes momentos, o fracasso de ser o falo e o de tê-lo.

### **O pai, a adolescência, as drogas, o dom dos amores e dos chinelos**

Se a adolescência é um momento difícil, muitas vezes tumultuado, é porque a questão dupla da genitalização convoca o sujeito a se situar na partilha dos sexos, deparando-se com a castração, além de se haver com as transformações pubertárias do corpo. Para se confrontar com a sexualidade, que faz um bu-



raco no real, como aponta Lacan (1989), em seu comentário ao *Despertar da Primavera* (1891) de Wedekind, os adolescentes apelam ao pai como instância simbólica - cada um deles submetido a uma vicissitude da metáfora paterna na constituição da própria subjetividade. O recurso ao pai decorre de a função fálica instituir uma relação de sentido com o gozo, que se traduz como gozo fálico.

Diante da castração e do real do sexo,

Quanto horror e quantas fugas surgem na adolescência... fugas para o sono, para os sonhos diurnos, para as drogas, para a ilusão, inclusive para a ilusão das histórias de amor e dos grandes amores. Maneiras várias de não querer saber da castração continuando a velá-la. (CURI, 1999, p. 158).

Não costuma causar maiores surpresas que a adolescência seja considerada um momento privilegiado para o uso de drogas. Isso é confirmado nas pesquisas epidemiológicas, assim como na clínica com adolescentes e com adultos - que evocam intoxicações pretéritas. A droga tem várias funções na vida dos adolescentes, como um agente socializador, na busca de ideais diferentes daqueles paternos; um recurso para o rompimento radical com o mundo e o mal-estar vivido nele; e como um objeto que permite o sentimento de potência imaginária em nome do narcisismo e contra a castração. Certamente, para cada adolescente a droga cumprirá um papel específico.

O uso intensivo de drogas pode ser uma suspensão temporária da existência difícil e conflitual. Por isso, no limite, tratar-se-ia de um gozo da própria morte, pois esta suspensão aparece como uma forma de agressão contra aquele que nos deu a existência - o pai. Neste raciocínio, tomar drogas seria como castrar o pai. (MELMAN, 1999).

É incontestável que há pessoas que tomam drogas e conseguem deixá-las com mais facilidade, enquanto outras se tornam dependentes com muita rapidez. Muitas são as teorias que evo-

cam fatores genéticos ou orgânicos dos usuários ou a potencialidade viciante da droga, para explicar as curiosas diferenças de suscetibilidade. Lateralmente, entretanto, Melman (1999) destaca que a posição de cada um frente à existência - e a ligação desta com o pai - podem ser determinantes nessa sensibilidade à drogadição.

Não se pode desconsiderar uma conseqüência crucial da adição. A dependência de drogas leva à anulação da sexualidade. Os adictos se desinteressam pelo sexo e abusos crônicos suprimem o desejo. Assim, se considerarmos seus efeitos farmacodinâmicos, as drogas são amplamente sexolíticas. E a dependência não produz apenas inibição do erotismo, mas dessexualização real, pois a dimensão da castração, na medida em que mantém e organiza o desejo sexual, é violada com a eleição da droga como o verdadeiro objeto da satisfação.

Seguirei com esta questão da droga na adolescência - e a sua ligação com o pai - a partir de um fragmento clínico. No Centro de Estudos e Terapias do Abuso de Drogas (CETAD), eu atendi, durante quatro meses, um jovem de 25 anos, que chamarei pelo nome fictício de Raul. Ele já trazia o corpo de um adulto, mas seu discurso parecia conservá-lo ainda ligado à crise pubertária, esboçando um anseio impotente de independência dos pais, ao lado do comportamento de um adicto compulsivo e marcado por uma forte orgia imaginária edípica: intenso amor/cuidado pela mãe e hostilidade/rivalidade com o pai.

Quando chegou à instituição, costumava fazer uso semanal, de álcool, e diário, de maconha e *crack*. A maconha, ele fumava desde os quinze anos e o *crack*, desde os dezessete. Drogava-se com limites suportáveis, porém, há dois anos perdeu o controle e começou a vender seus pertences para comprar as drogas. Na semana anterior ao seu acolhimento no CETAD, tinha subtraído e alienado o som do carro do irmão.

Seu pedido inicial foi: “Quero parar de usar e viver a vida que eu vivia”. Ele chorou durante as primeiras sessões e disse querer desabafar seus sentimentos. Mas, quando lhe era oferecida a palavra, permanecia, na maior parte do tempo, em silêncio e escondendo o rosto atrás das mãos. Sua postura produzia os impasses comuns na clínica dos adolescentes usuários de droga:

[...] falam pouco, são inibidos e não conseguem formular alguma questão que aponte para o seu ‘sintoma’. Relatam vários problemas com a família, com a escola, com a justiça, mas e a relação com as drogas? (PEREIRA, 2000, p. 118).

Pouco tempo depois de sua chegada ao CETAD, Raul anunciou e realizou uma interrupção abrupta e permanente do uso de drogas. “A droga era uma ilusão” - disse ele. Imaginava que ela o tornasse “o cara”, “o bonzão” que pode tudo. Consumir a droga era uma maneira de se exhibir, mostrar potência para os companheiros. A adição promovia o sentimento de pertença a um grupo, com ideais para além da parentalidade, em um contexto escamoteador da castração. A “ilusão da droga” a que Raul se referia era, portanto, o próprio fracasso da tentativa de completude no gueto da drogadição.

Raul buscava nas drogas, particularmente, conservar suspensa a existência difícil e conflitual. Acontece que o vício o estava conduzindo a perdas de reconhecimento decisivas, que o reenviaram de volta a sua divisão, acompanhada de um sentimento de culpa dilacerador. Raul não estava suportando sua postura delinqüente no trabalho e em casa. Ele tinha um ofício, no qual ainda se mantinha por causa da condescendência da patroa, que conhecia sua família e lhe perdoara o furto de uma quantia em dinheiro no caixa da loja. Em casa, já estava em dívida moral com parentes. Conforme já relatei, quando chegou ao CETAD, Raul tinha acabado de furto e vender o som do carro

do irmão. Assim, ele mesmo assinalava uma série de perdas: a perda de credibilidade junto às pessoas, perda de todo dinheiro, falta de projetos de vida.

Em algumas sessões, ele declarou se sentir saturado disso tudo, e os conselhos que as pessoas lhe davam, no sentido de que largasse as drogas, voltaram-lhe à cabeça. Curiosamente - no lugar vazio do gozo perdido, com a interrupção abrupta do consumo diário de maconha e de *crack*, e da separação do grupo de amigos usuários, no qual era reconhecido por ser “brigão”, “usar roupas chiques” e “posar de malvado” -, Raul assumiu a impostura de herói destemido, de que passou a gozar, narcisicamente, em substituição à completezete pretendida com a drogadição.

As pessoas mais próximas se quedaram perplexas com sua mudança brusca. Reivindicando potência para si, ele asseverou: “- Eles pensavam que eu ia me tratar e parar aos poucos. Mas pra mim tinha que ser de vez”. E, rindo, assumiu um novo bordão, que seria reevocado em algumas sessões: “- Ninguém entende nada”. Como “o maior drogado” até pouco tempo atrás, de súbito, pára de usar drogas, completamente?

Depois desta passagem inicial da “sociedade das drogas, dos rudes” à “sociedade dos caretas”, como ele anunciou, Raul deu sinais de realizar, durante o tratamento, uma sutil mudança subjetiva, retomando a aliança com o Nome-do-Pai: “- Aqui, eu analiso, com as palavras, as coisas da vida, aos poucos” foi uma declaração sua que representou um momento culminante do breve trabalho com Raul. Já não tinha mais que ser de vez, heróico. *Aos poucos* era a realidade do objeto parcial, a retomada da função fálica como eixo da órbita subjetiva.

*Aos poucos*, ele retomou os laços com o mundo e, em lugar da fixação na droga, trabalha, voltou a estudar, vai à praia, conversa com vizinhos e reatou seu namoro com uma antiga paixão.

Sente-se um filósofo na escola, dando opinião sobre os assuntos em discussão, escutando as pessoas e desejando aprender. Pede ao professor que repita o que não consegue compreender. “- Antes, quando escutava as pessoas, não entendia nada, nem queria entender, pois estava em outra, só queria saber de droga, o tempo todo”, arrematou o jovem.

E, mais uma coisa: Raul passou a participar da prosa em casa, conversando, especialmente, com seu pai, com quem estava acostumado a guerrear. Agora, eles rivalizam, com descontração, em frente à televisão, disputando quem interpreta melhor os filmes.

Queria aproveitar, então, para insistir na questão do pai na psicanálise, detendo-me em algumas nuances que passam pela relação de Raul com seu pai.

“- Desde os 12 anos faço guerra com meu pai”, afirmou Raul, ressaltando que era intolerante com as atitudes erradas do pai. Todos em casa ficavam calados, mas Raul não conseguia fazê-lo. O pai tinha outra família, sempre foi muito avarento com dinheiro e privilegiava dar assistência à outra família, apesar de a mãe de Raul - que passava por situações financeiras difíceis - ser sua mulher, oficialmente. No caso desse jovem, foi importante estar atento ao fato de que a designação de Raul dos defeitos do pai não os resumiu a puerilidades biográficas. O ser avarento não consistia apenas em um demérito, mas estava, também, ligado ao papel normatizador do pai, ou seja, daquele que castra e doa.

O pai aparecia na fala de Raul, reiteradamente, como aquele pai privador do segundo tempo do Édipo, com o qual há rivalidade e hostilidade constantes. Raul se queixava de que seu pai nunca o escutou e que, quando soube que ele estava envolvido com drogas, quis colocá-lo pra fora de casa. Em 2004, quando

aderiu, maciçamente, ao consumo de drogas, Raul saiu de casa brigado com o pai e foi morar com uma irmã. Disse-me que “sentia vontade de dar porrada nele”.

O mais curioso, contudo, é que Raul se referiu a uma situação com seu pai como o evento que o precipitou na drogadição. Quando ele tinha quatorze anos, pediu, ao pai, dinheiro para comprar chinelos, pois era seu próprio aniversário. O pai lhe deu uma soma insuficiente de dinheiro. Raul, revoltado, comprou maconha com um amigo e fumou. A partir de então, a droga foi se transformando em seu objeto exclusivo de gozo.

Alguns elementos desta situação parecem se impor, devido à sua força simbólica. Tratava-se do aniversário de um jovem adolescente, ou seja, o dia em que se celebrava a sua existência, outrora concebida por seu pai, o mesmo que não lhe concedeu o dom do presente: os chinelos. Poder-se-ia perguntar por que não teria o pai consultado o filho quanto ao preço dos chinelos ou por que o rapaz não reclamara. Sabe-se que o pai é avarento, mas, muito além disso, algo vacilou e a droga entrou como resposta aos impasses da transmissão do dom paterno.

Enquanto objeto simbólico, Lacan (1995), inspirado no pensamento de Marcel Mauss (1997), relacionou o falo com o dom, que se apresenta como paradigma do objeto simbólico. Lacan - 1956-57 - destacou o dom a partir do seu caráter de gesto ou ato de dar o que não se tem, mas, também, como signo de amor. Em sua obra, Mauss se dedicou ao estudo do que está em jogo nas trocas e no dom, apresentando o resultado de uma pesquisa sobre a natureza das transações humanas nas sociedades, as formas arcaicas de contrato, etc.

Segundo Mauss (1997), o intercâmbio entre as coletividades nunca se resumiu a bens. Também se trocavam gentilezas, mulheres, crianças, serviços militares, entre outros. O *Potlatch*, que, depois, interessou a Lévi-Strauss e a Lacan, foi um tipo de siste-

ma de prestação total de troca entre tribos que obteve especial atenção de Mauss, pois, de forma intrigante, era uma prática festiva marcada pelo princípio da doação, mas, também, pelo da rivalidade, do antagonismo e da destruição. *Potlatch* quer dizer “se alimentar”, “consumir”. No inverno de tribos do Alaska, trata-se de uma festa perpétua com banquetes e feiras.

*Dar o presente recebido (rendre le présent reçu)* é a regra mais importante nos mecanismos de troca de um *Potlatch*. Afinal, o que se valoriza não é a coisa em si mesma - dada ou recebida - e, muito menos, por conseqüência, a vantagem que se auferé dando uma coisa em troca de outra. A importância repousa no gesto de fazer circular os bens e em consumir a riqueza, que confere prestígio. Quem não obedece à prescrição de dar seus dons perde a fonte de sua riqueza: a autoridade ela-mesma.

Quando comentou sobre o caso Dora -1956-57 -, Lacan (1995) ressaltou que a dificuldade que ela teve de atravessar a crise edipiana teria sido resultante de uma impotência do pai que não sustentou sua função de doador do falo. Apesar disso, Dora conservou um amor intenso pelo pai doente e ferido. Curiosamente, quanto mais seu pai aparecia esvaziado de toda ordem de potência, maior parecia o amor dedicado por Dora a ele. Esse descompasso sinaliza uma diferença importante.

O que intervém na relação de amor, o que é demandado como signo de amor nunca passa de alguma coisa que só vale como signo. Ou, para ir ainda mais adiante, não existe maior dom possível, maior signo de amor que o dom daquilo que não se tem. (LACAN, 1995, p. 142).

As conjecturas de Marcel Mauss serviram a Lacan porque ficou evidenciado que o dom é, por excelência, circulante e regido por uma lei; ou seja, a transmissibilidade o caracteriza, essencialmente. O dom transmitido é aquele que é recebido (*rendre le présent reçu*) e esse trânsito não é possível se não estiver sub-

metido a um pacto coletivo. Isso se coaduna com o estudo sobre as leis do parentesco de Lévi-Strauss (1982), em que este disserta sobre as alianças parentais pelas quais um homem recebe uma mulher e deve uma filha, submetendo-se à lei de troca das mulheres entre clãs.

Lacan, em 1956-57, entretanto, não se deteve na sociologia do dom, já que lhe interessava a relevância do falo como objeto simbólico, em sua teoria da falta de objeto regida pelas operações de frustração, privação e castração. Nesse sentido, era preciso demarcar que o sujeito desejante somente entra na dinâmica da ordem simbólica pelo dom do falo.

O desejo visa ao falo na medida em que este deve ser recebido como um dom. Para este fim, é necessário que o falo, ausente ou presente noutra parte, seja elevado à dignidade de objeto de dom, que faz o sujeito entrar na dialética da troca, aquela que irá normatizar todas as suas posições, até e inclusive as interdições essenciais que fundam o movimento geral da troca. (LACAN, 1995, p. 144).

O dom de amor entre dois sujeitos envolve uma curiosa relação de troca regida pelo princípio de *nada por nada*, com toda a ambigüidade que este princípio comporta. Por um lado, o amor tem uma dimensão de gratuidade, vulgarmente ressaltada, em que se oferece algo sem esperar qualquer coisa em contrapartida. Acontece que é preciso estar atento ao sentido do *nada por nada*, a partir do fato de que aquilo que o sujeito tem a oferecer em troca de nada, é, incrivelmente, nada também. O que se oferece como dom de amor permanece sobre um plano de fundo de tudo que falta ao sujeito doador. E o sacrifício do amor consiste, justamente, em dar para além do que se tem, esperando do outro aquilo que ele não é. Por isso, diz Lacan, em 1956/57, “o que é amado num ser está para além daquilo que ele é, a saber, afinal de contas, o que lhe falta” (1995, p. 144).



Esse problema do dom, que suscita a questão da troca, faz aparecer, no caso de Raul, a separação dos objetos intercambiáveis daqueles não-intercambiáveis. De um lado, o pai comparece com uma particular recusa de dinheiro, uma avareza para com Raul, mas que é freqüente também em relação a sua mãe e irmãos, que são preteridos, constantemente, em favor de outra família clandestina do pai. Pontualmente, este não dá a Raul dinheiro suficiente para uns chinelos de aniversário. Dinheiro, chinelos, presentes: o dom de amor proveniente do pai aparece como insuficiente, pela via dos objetos intercambiáveis (LACAN, 1962-63/2005). Contudo, o que nos parece importar aí é uma espécie de extravio do desejo, de *gato comeu* concernente ao destino do falo objeto não-intercambiável que visa o desejo e a falta, por intermédio da castração, e que fez, efetivamente, Raul entrar no universo da troca, mas não sem pagar o preço de muita dificuldade na entrada da vida adulta. Essa me pareceu a pedra no caminho de Raul.

A questão de Raul com o pai, no âmbito da transmissão do falo e da castração, fez aparecer a droga como sintoma e, também, como uma espécie de ruptura ou claudicação do pacto com o *Wiwimacher*, com a norma fálica, com o *aos poucos* que Raul reintroduziu em sua vida. Dessa maneira, as sessões com ele suscitaram a hipótese de um embaraço, entre pai e filho, no âmbito do dom, da transmissão, da castração.

Depois de quatro meses, Raul abandonou o tratamento. Mas, nas sessões transcorridas, ficou claro que o paciente, apesar de nunca ter querido saber nem analisar seu sintoma droga, pôde, com a veiculação da palavra, retomar o trilho da ordem fálica que urgia em sua vida. Assim, a droga deixou de, maciçamente, fazer as vezes deste objeto pregnante que, na posição de comando, consome o sujeito. Parece-nos que Raul não pôde servir-se do pai, e aceder ao título da potência fálica que ele nos confere,

sem passar por uma etapa de drogadição refratária à castração nossa de cada dia. Aliás, o sintoma que cada um constrói comporta a medida possível de uma resposta fática e simbólica, sempre precária, mas, às vezes, no limite do insustentável, como é freqüente na adolescência, diante do acossamento do real da pulsão.

Por fim, cabe ressaltar que a retomada da vida com seus problemas cotidianos e a interrupção brusca de Raul, sem auxílio de remédios, do vínculo de dependência com o *crack* - uma droga que, atualmente, suscita a hipótese do caráter viciante, *per si*, de certas substâncias, independente dos sujeitos que as escolhem - introduzem reflexões a respeito da direção dos tratamentos.

Raul me ensinou que a clínica sensível ao caso a caso, ao padecimento do sujeito, ao sintoma e a suas particularidades fenomenológicas - herança da psiquiatria clássica, que encontrou, na psicanálise, desdobramentos valiosos - não pode ser preterida, descartada, em favor de uma psiquiatria das síndromes e dos transtornos corporais, da preponderância da anatomia e da fisiologia. Não se pode perder de vista que uma neurose tem sempre dois tempos para se desencadear; e que sempre há uma dimensão subjetiva e simbólica no adoecimento e na drogadição.

## Notas

- <sup>1</sup> Mestre em Teoria Psicanalítica pela UFRJ. Bolsista CNPq/FAPERJ. Ex-estagiário do CETAD.

## Referências

- CURI, T. "Pai, não vês que posso perder-te?". In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICANÁLISE E SUAS CONEXÕES. 1999. **Anais...** Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999. Tomo 1, p. 154-160.

DOR, J. **O pai e sua função em psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

FARIA, E. (Org.). **Dicionário Escolar Latino-Português**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Departamento Nacional de Educação, 1956.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FREUD, S. **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905), v. 7.

\_\_\_\_\_. Totem e tabu (1913), v. 7.

\_\_\_\_\_. Além do princípio do prazer (1920), v. 18.

\_\_\_\_\_. A dissolução do Complexo de Édipo (1924), v. 19.

\_\_\_\_\_. O mal-estar na civilização (1930), v. 21.

GODBOUT, J. T. **L' esprit du don**. Paris: Édition La Découverte, 2000.

LACAN, Jacques. **Shakespeare, Duras, Wedekind, Joyce**. Lisboa: Assírio & Alvim, 1989.

\_\_\_\_\_. **O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise** (1969-70). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

\_\_\_\_\_. **O Seminário, livro 4: a relação de objeto** (1956-57). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

\_\_\_\_\_. **O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise** (1959-60). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

\_\_\_\_\_. **Escritos**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. O estádio do espelho como formação da função do eu tal como nos é revelada na experiência analítica (1949), p. 96-103.

\_\_\_\_\_. A significação do falo (1958), p. 692-703.

\_\_\_\_\_. De uma questão preliminar a todo tratamento possível das psicoses (1955-56), p. 537-590.

\_\_\_\_\_. **O seminário, livro 11**: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998a.

\_\_\_\_\_. **O Seminário, livro 5**: as formações do Inconsciente (1957-58). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_. **O Seminário, livro 10**: angústia (1962-63). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LÉVI-STRAUSS, C. **As estruturas elementares do parentesco**. Petrópolis: editora Vozes, 1982, 2 ed.

MAUSS, M. **Sociologie e anthropologie**. Paris: Presses Universitaires de France, 1997.

MELMAN, C. Adolescência e drogas. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICANÁLISE E SUAS CONEXÕES, 1999. **Anais...** Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999. Tomo 1, p. 11-23.

PEREIRA, S. M. Toxicomania: uma saída possível para os impasses da adolescência? In: GROSSI, F.; BAHIA, I.; CIRINO, O. **Psicóticos e adolescentes**: porque se drogam tanto? Belo Horizonte: Centro Mineiro de Toxicomania, 2000. p. 117-121.

PORGE, E. **Os nomes do pai em Jacques Lacan**: pontuações e problemáticas. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1998.

TAVARES, Luiz Alberto. Adolescência e toxicomania: paradigmas da modernidade. In: TAVARES, L. A.; ALMEIDA, A. R.; NERY FILHO, A. (Orgs.). **Drogas**: tempos, lugares e olhares sobre seu consumo. Salvador, EDUFBA; CETAD/UFBA, 2004. p. 133-143.